

Brasília é a nova capital do chorinho

Festival de Choro no Rio confirma tradição que a cidade herdou

Natal Eustáquio

Da equipe do Correio

Desde que a capital do Brasil se transferiu para Brasília a cidade herdou boa parte do chorinho que era produzido no Rio de Janeiro. Agora a cidade paga por esta herança e classifica sete músicas entre os 36 selecionados para a final do 2º Festival de Choro do Rio de Janeiro.

O grande destaque da cidade é Hamilton de Holanda Vasconcelos Neto, que vem se revelando um grande chorão. Tem apenas 19 anos, mas desde os cinco toca bandolim nas rodas de choro em casa e no Clube do Choro. Ainda na adolescência, começou a compor.

Atualmente, Hamilton relaciona mais de 30 chorinhos prontos. Todos inéditos. Três deles foram inscritos no Festival, promovido pelo Museu da Imagem e do Som. Cada compositor podia concorrer com apenas três músicas.

Dos 130 chorinhos inscritos, 36 foram selecionados para as finais, dias 10, 11 e 12 de novembro no Teatro João Caetano, no Rio. Entre os escolhidos por uma comissão de músicos, professores e maestros cariocas estão os três de Hamilton.

Ele concorre com *Destroçando a macaxeira*, *Cavucando coco* e *Há 1 tom*. Outra composição, *Shérída*, cujo arranjo preparou para o pai, José Américo de Oliveira, e o irmão, Fernando Vasconcelos, também foi selecionada.

O jovem compositor, na verdade, é um dos sete autores do DF cujas músicas foram selecionadas para as finais. "Brasília é um dos maiores centros de produção de choro do País", assegura. Dos 36 chorinhos escolhidos, oito são da cidade.

O festival vai distribuir um total de R\$ 14 mil em prêmios para os três primeiros colocados (cinco, três e dois mil reais, respectivamente). Também vai premiar o melhor arranjador e o melhor

Paulo de Araújo



Hamilton Vasconcelos, entre o irmão Fernando e o pai José Américo, classificou três composições no Festival de Choro do Museu da Imagem e do Som, no Rio

intérprete (dois mil reais para cada).

Este ano, o festival homenageia o instrumentista Abel Ferreira, que em 1995 completaria 80 anos. Os grupos de choro *Época de Ouro* e *Chorando Baixinho* vão relembrar antigos sucessos do compositor nos shows que farão nas finais.

Integrante do grupo Dois de Ouro, Hamilton se diz empenhado na disputa. "Vou fazer o que puder, tudo que for possível, para uma boa apresentação lá", garante ele, que concorre apenas com músicas especialmente instrumentais.

Ele também compõe em outros estilos. "Na adolescência, cheguei a tocar baixo em conjunto de rock, mas a paixão pelo chorinho falou mais alto", revela Hamilton, que abandonou o curso de Contabilidade no Ceub para tentar Música na UnB.

Em busca de novas vocações

Um abrangente painel do choro brasileiro. Assim o presidente da Fundação Museu da Imagem e do Som, Jorge Roberto Martins, define esta segunda edição do Festival de Choro do Rio de Janeiro.

"Temos o chorinho tradicional, o maxixe, a valsa e até experimentais, que não seguem os padrões clássicos do gênero", antecipa. Jorge Martins também adianta que o festival não pretende resgatar o chorinho.

"É o reconhecimento de um

gênero musical consolidado na história da música brasileira. Pretende revelar e identificar vocações, ao mesmo tempo que proporcionar o reconhecimento de nomes consagrados no arranjo, composição, harmonia".

A organização do festival está se articulando para ver se, ao final do concurso, consegue editar um CD com as músicas finalistas. "A intenção é fazer um produto cultural para uso em escolas de música".

OS SELECIONADOS

- Cavucando coco, de Hamilton de Holanda Vasconcelos Neto
- Choro triste, de Dinaldo Domingues Santos
- Destroçando a macaxeira, de Hamilton de Holanda Vasconcelos Neto
- Escalando, de José de Alencar (Alencar Sete Cordas)
- Estudando, de Dolores Tomé e José Tomé
- Há 1 tom, de Hamilton de Holanda Vasconcelos Neto
- Imagem, de José de Alencar (Alencar Sete Cordas)
- Shérída, de José Américo de Oliveira e Fernando Vasconcelos